

| poezine |

piero eyben

# LOA CONTÍNUA

para fagote e viola de gamba de Dionísio para Ariana

C14

casa de edição

# LOA CONTÍNUA

*para fagote e viola de gamba de Dionísio para Ariana*

*(em resposta a Hilda Hilst)*



piero eyben

# LOA CONTÍNUA

*para fagote e viola de gamba de Dionísio para Ariana*

*(em resposta a Hilda Hilst)*

C<sub>14</sub>  
casa de edição

EDITORIAL

Amarilis Anchieta  
Bárbara Gontijo  
Mariangela Andrade  
Piero Eyben

---

Eyben, Piero.

Loa Contínua para fagote e viola de gamba (em resposta a Hilda Hilst) / Piero Eyben – 1. ed. – Brasília: C<sub>14</sub>, 2018.

1. Poesia brasileira. I. Título.

---

2018

C<sub>14</sub> | casa de edição  
Brasília DF

*Lê Catulo para mim pausadamente.  
Ressuscitei memórias na manhã de ventos  
E abrasei-me de um sol sem arvoredos.*

Hilda Hilst

*Ninguém, disse-me minha mulher, me caso  
Apenas comigo, nem mesmo se Júpiter pedir.  
Diz: mas o que a mulher copiosamente diz ao amante desejoso  
No vento e na rápida escritura porta água.*

Catulo



I

Como se assim, voz e vento,  
Ariana, desgosto as folhas  
em que ramos soluçam

supondo, como em cada noite,  
que o branco do rosto  
se afugente no temor

mesmo que calado da música,  
ausente coronária dos tecidos,  
tua pelve enlanguescida

dos suores do meu corpo,  
talhado de forma e cicatriz,

Ariana, o tempo do tempo  
é hoje, em que teu fio  
destece o fuso, contorna

os pescoços – estas amas salteiam-se –  
feito corona abalada:  
amanhã sem aroma,

e seu corpo lançado  
entre os linhos; tecido  
de fora, não bordado  
em rododendros.

## II

Sobre a alfombra do dia, a que tu sabes  
ser de cores organdis,  
meu tronco se inclina sobre ti; e  
num só gesto de dor, a couraça que o cobre  
carcome de prazer este eterno almejado  
para ti.

Tu, Ariana, vês como que – sem Teseu –  
o canto, todo éter, se desfaz e tu fazes  
apenas mulher sóbria matéria, minha carne,  
*senhal*.

No delirante espesso tecido que há sob  
os corpos, estes dançam, imorredouros,  
mas ainda e constante trêmulos: sem uma  
palavra. O corpo pede que o veja, o sinta,  
respires arfante, extasiados, teu e meu,  
soluçam convulsivos: pés mãos narizes olhos  
peles cabelos dedos dedos dedos e boca.

Ao dia, o corpo cede como cálice,  
e parto.



### III

Corrente, todo marítimo, meu corpo  
tende a colher, manchado de gozo,  
as mortalhas de pele, entre unhas,  
em silêncio cultivadas  
para ser só água.

Soluço de fonte, da minha noite  
se calam os consolos, e tu, como  
que após o coito, inalas meu  
peito corado do buquê roxo  
do morso molhado entre dentes.

Tu, Ariana, só de casa falas,  
permanência? Recuso por  
cantares cheia daquele sol joliz,  
todo ele meio clichê, regente  
do meu pau adentro.

Eu, ao contrário, dispo-me de  
mortalhas, sem o perene, tudo  
apenas som: prefiro ao amor, a  
lua, mudez, desfeita e Penélope,  
estanque meus suores sejam teus  
humores e nós, a cada noite,

sentamo-nos ante à tapeçaria que acolhe corpo.



## IV

Controlo-me, afoito,  
num manto todo de acácias.  
congelo-me como que mutilado

no espaço imberbe do corpo.  
Todos estes pelos que me cobrem,  
Ariana, não são mais que salivas

para o teu, a que prefiro às rosas,  
orquídeas ou maios, não me parece  
que as coronas assemelhem-se

aos mamilos de femininas lésbias,  
Inês ou Carmem. Afloram, estas flores,  
como as tuas duas mais espetrais

mantendo-me atento e desperto  
ao modo como a uva fermenta-se  
em maceradas nódoas de taças.

Posiciona-se – como Manan –  
em tocar-se, mas antes mais acurada  
no feitio, manchando as anáguas

do meu peito. Eu, Ariana, conheço  
as formas da natura que regem  
coisas, mas prefiro, mesmo que

não te agrade, ou a ti pareça sem  
tino, olhar o que é, ver o que há:  
corpo, seios, vulva, delicados

sentidos em que o tempo, aí sim,  
pode, por um instante, parar.  
Olhos voltados, corpo caído no

que se vê, cheira, almeja  
e torna.

## V

Sob as sedas de teu corpo, Ariana,  
desfio os fios dos mantos da virgem  
– o que desimporta –  
*puella* se tua cona for-me oferecida,  
na acuidade de meus dedos, a garganta  
entupirei toda de lívido brancuz;  
o mastro que te rege, inchado, coroará,  
em luta e atenção, estes lábios que  
por um só instante estiveram entre  
os dedos da direita.

Teu ouvido, Ariana, diz-me, repetindo,  
o que ouves de mim mesmo, pois quero  
cantar – sem vestes – as delícias em que  
pouso meu ivirapeme de mando. Teu corpo  
beija – solícito – todas as entranhas da face  
e sinto o olor, entre seda e malha, que  
inflama a pelve e contorce os olhos; buscas,  
Ariana, com a mão esquerda, o flanco abaixo  
em que sabes que teus olhos não serão mais  
etéreos.



## VI

Deixei-te um ênio espelho de poses  
bem armadas – dois jovens, para que  
se lembre, martirizada – em que podias  
se olhar e dedilhar às íntimas.

Em meses afora, isolado meu corpo  
caiado de manchas, sem fio, labiríntico,  
viu apenas miragens desérticas. Nada  
de cães ou tapetes, apenas escorpiões,  
areia e sol. Dia vivi, por três luas.

Não há, Ariana, sem teu corpo,  
convulsão ou presságio, por isso  
maculo, morrendo, ainda mais meu  
tórax de cicatrizes e mutilação, descendo  
as amazonas que, sem seio, caçam melhor.  
Sem teu corpo, não há remos para loas.

Muito tenho pensado, por estes sóis  
que não calam, que ao lamber-te a boca  
estou em bodas: deslumbrado  
malha, fina delicadeza, entre encaixados  
desenhos coroam a face desnuda – toda de  
corpo e fátuos – para após três luas

serem colhidas  
a tempo. Há, com isso, Ariana, uma toda  
moedura em que me vês  
naquela nonária, nu,  
e no caibro o colo contorcido.

Três luas percorro meu corpo todo  
para, com sabênciā, mal-dizer as  
putas todas que me isolam  
quando tu, Ariana, não me revelas.

## VII

Manan ouvindo dizer que tu estás  
solitária; mas comigo, quer-te aprender.  
Não a eximo, pois ela, quando esguia,  
é sem dúvidas uma mulher, e corada.  
Nossos corpos, como os vês, Ariana,  
são imersos de contrárias posições e  
calham-se muito aos fortuitos prazeres  
vejo-te e, por vezes, deploro robustez.  
Contraem-se nossos dedos ao leve  
mover de aves, como que súbitos de silvos.  
Sibilantes nós de porvir, tingem de magenta.  
E quer-te, mesmo assim, aprender-te.

Mas não venha, como que por ensinar,  
cravejar – em gracejos – meu peito  
com ciúmes.



## VIII

Mais, ainda, um corpo nódoa – decessos  
e desvarios outros – mais, ainda em corpo  
conluio carmesim e estática morada. Mais,  
como que solto em fulvos aéreos desvelos.

Não és, fugaz e permanente,  
mas antes – ante a carne inconstante –  
estrela, movênciia. Em tudo o que  
desprezo montar, serias tu apenas soma.

Minha alma, incomunicável, fica calada.  
só ao corpo somo cores suores cossos.  
Ariana, tuas noites, minhas, pois ao dia  
dedico apenas o sono e não quero amantes.

Ao que Catulo: *nobis cum semel occidit  
breuis lux* somaríamos em beijos vários.  
Quero-te, ante pele e prazer, ser apenas  
breve – vela em fim da noite. Lacerando.

Sendo breve, pois é breve o inverno, e  
em nós não hiberna o tempo, mas salta.  
Sendo breve, pois a terra é o breve breviário  
da noite em que tudo o que dá, cresce.

Da terra extraio, lavrador, o sumo de cana,  
o sumo de trigo e soja, para que o canto se  
afaine mordente e que saia – abrindo – para  
esta alfombra que nos prova o terrestre.

Só da terra, o celeste. Paizinho João Batista,  
Xangô das pedreiras, manda fé de que do alto,  
não falta nunca. Da terra, em que breve  
me inflama o corpo, conduz-nos à antífona.

## IX

*Conta-se que havia na Grécia um homem belíssimo que enlouqueceu de amor todas as mulheres, sobretudo Eco. Mas certa vez, brincando entre os ramos da floresta, deparou-se com seu próprio rosto no espelho d'água e morreu tingindo o peito e os dedos de mármore de sangue.*

Tenho, em mim, estas  
brânquias de fora que  
flames me respiram

beleza

sobre saber de mim,  
há um homem parecendo  
mulher que mal-disse  
o gozo e punido – por  
destratar cobras – cegou-se  
maculando todos à volta.  
O que se canta, à volta deste  
espelho, não sei: só na água  
há beleza.

Uma taça de prata foi despojada  
a mim, como que de um casal,  
dois homens idênticos, mas apenas.

Não, Ariana, meu corpo não é óleo.  
Como Eco, tu desfazes-te em pedras  
pois,  
sou nódoa, miasma – existindo.

## X

Conduz-me pela boca que te darei  
compêndio dos meus hálitos, ao dia,  
soluços de horas que não passam a  
não ser em palavras rubras de vinho.  
Conduz-me pelos lábios que te dou,  
silentemente, meu corpo todo em  
timbre de cordas, que ouvidas não  
dura em amor o trabalho de mãos.

Nesta cama turca, de carmesim bordada,  
preservo o teu corpo dentro de mim,  
como flores que só brotam, sem mais.  
Melodiosa, Ariana, teus fios me são agora.

Conduz-me pelas pernas que te darei  
carvalho condoído das minhas noites,  
sonata ébria de tempo que perpassa e  
numa aurora os montes se deflagram.  
Conduz-me pelo braço que te dou,  
sensivelmente, meu corpo feito couraça  
tua de voz e alarido, espumosa tinta branca  
dança e presságio: tua loa, teu hímeneu.



## EPÍLOGO ENCONTRADO NUMA ESTELA

num braço peço apenas que me tome com essa  
tua língua de palavras escolhidas do que talvez  
escondesse sem que não me desse por isso por um  
mesmo som repetido às vezes sem mais ou por  
tê-lo no sono de um outro dia aquele após as  
mãos sobre as pernas a cabeça ancorada num  
caminho que ri ou de quem não consegue mais  
respirar fico aqui imóvel diante do seu corpo  
que desconheço a cada passo a cada centímetro  
numa fumaça do seu hálito sem minha boca  
e espero em mim a sua ausência

primeira edição  
100 exemplares  
gráfica pigmento  
para a C<sub>14</sub>| casa de edição  
em julho de 2018